

# Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher

Amanda Karine Grossel<sup>i</sup>

Maurini de Souza<sup>ii</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma abordagem teórica e analítica acerca da literatura de autoria feminina aliada à condição social da mulher historicamente e propõe formas dessa temática ser introduzida na educação. O artigo apresenta uma reflexão sobre os papéis ocupados ao longo do tempo pelas mulheres através da análise de obras de pensadoras da área, especialmente de Virginia Woolf, bem como de obras literárias e suas autoras provenientes de diferentes lugares e períodos, provando que a questão das injustiças sofridas pela mulher foi e é, ainda hoje, um problema mundial, que precisa ser abolido para a construção de uma sociedade justa e ética.

**Palavras-chave:** Literatura; Feminismo; Educação; Virginia Woolf.

## ABSTRACT

This research presents a theoretical and analytical approach to the literature of women authorship allied to the social condition of woman historically and it proposes ways for this theme to be introduced in education. The article presents a reflection on the roles occupied over time by women through the analysis of works by thinkers in the area, especially Virginia Wolf, as well as literary works and their writers from different places and periods, proving that the issue of social injustices suffered by woman was and is, even today, a worldwide problem that needs to be abolished in order to build a fair and ethical society.

**Keywords:** Literature; Feminism; Education; Virginia Woolf.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Estudos Literários na linha de pesquisa Alteridade, Mobilidade e Tradução pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).  
amandakgrossel@gmail.com

<sup>ii</sup> Professora no mestrado em Linguagens e nas graduações em Comunicação Organizacional e Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8914-2133> | maurini@professores.utfpr.edu.br

## **INTRODUÇÃO**

A luta pelo respeito aos diferentes gêneros é assunto em pauta há algum tempo, desde o início da História – as peças teatrais de Eurípides, *As troianas* e *Medeia*, demonstram que a consciência sobre a condição da mulher já era presente em alguns grupos. Até hoje, porém, essa luta se depara com obstáculos e a resistência de uma sociedade patriarcal opressora, sexista e ditadora de padrões. Ser mulher no século XXI ainda significa sofrer discriminações e violência.<sup>1</sup>

Assim a questão que norteia esta pesquisa centraliza-se em uma abordagem literária que propõe a reflexão sobre formas de conscientizar a sociedade acerca da importância da mulher e de seu espaço social e luta pelo respeito entre os gêneros, tendo como tema “Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher”.

Ainda hoje se observa preconceito em diferentes locais, o que induz a perceber a importância de uma abordagem conscientizadora acerca da mulher e o respeito entre os gêneros, fundamental para uma sociedade pautada pela ética. Inserir esse tema desde os anos iniciais na escola favorece a compreensão e naturalização desse pensar pelos alunos, visto que ainda estão em formação quanto às perspectivas sociais e, apesar de influenciados pelos padrões sexistas impostos tradicionalmente, estão também abertos aos novos conhecimentos e receptivos a uma didática desnaturalizadora das ideologias criadas e perpetuadas pela sociedade patriarcal, em busca da conquista pelo respeito entre os gêneros.

Essa conscientização pode ser desenvolvida através da mobilização e conhecimento das condições de vida que as mulheres já tiveram ao longo do tempo e têm até hoje, pois ainda que mudanças venham acontecendo gradualmente em alguns grupos sociais, a sociedade idealizada como a que respeita todos seus cidadãos (aqui chamada de sociedade ética) ainda não se efetivou. Logo, faz-se necessário um estudo acerca do papel da mulher na sociedade ontem e hoje, e neste caso, a literatura mostra-se um objeto de estudo essencial para a compreensão e abordagem em sala de aula.

Sabendo disso, apresentam-se os seguintes problemas para abordagem: como a obra de Virginia Woolf e o pensamento de outras personalidades femininas contemplam os modos de ser e estar no percorrer sócio-histórico da mulher nos âmbitos pessoal e

profissional; e como a literatura de autoria feminina pode ser abordada no contexto educacional para facilitar a compreensão do histórico da mulher pela leitura e entendimento do contexto de criação de personagens ficcionais, conscientizando os alunos da importância da valorização do papel social da mulher e seu espaço de direito nos diversos âmbitos da sociedade.

Dessa maneira, o propósito principal da presente pesquisa é uma abordagem de cunho feminista na escola, mais precisamente nas aulas de Língua Portuguesa, com a utilização da literatura de autoria feminina como ferramenta dessa abordagem e conscientização social. Destacam-se, assim, os objetivos propostos, sendo o geral compreender a importância da literatura de autoria feminina como expressão de pensamento e mudanças sociais no sentido de destacar os papéis da mulher e seu lugar na sociedade, através dos objetivos específicos: reconhecer, na obra de Virginia Woolf, o percorrer histórico da mulher no mundo literário por meio de uma resenha crítica de parte de sua obra, como *Um Teto Todo Seu*, *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* e *A Arte do Romance*; selecionar autoras e suas produções sob uma visão centrada em suas personagens principais e sua significação no contexto de criação; descobrir e desenvolver elementos comuns nas obras literárias entre as personagens femininas que apontem para a mulher em seu papel social como capaz de ocupar diferentes lugares na sociedade, sendo estes dentro do mundo literário, na ciência, ou qualquer outro ramo profissional; compreender e incentivar a relação de respeito entre os gêneros, dentro de suas diversidades, em sala de aula, por meio de exercícios e atividades propostos após as leituras das obras literárias selecionadas.

A partir da pesquisa bibliográfica, é possível analisar as concepções teóricas acerca do tema de modo a dialogar com as ideologias históricas até as vigentes. Parte-se da obra de não ficção de Virginia Woolf como respaldo para a análise do percorrer histórico da mulher no campo da criação literária/ficcional e na busca por um espaço em meio à sociedade patriarcal.

Três obras literárias serão analisadas sob as teorias, de modo a compreender a trajetória feminina permeada por obstáculos através dos tempos. As obras selecionadas derivam de diferentes lugares e períodos, de forma a evidenciar que a opressão sofrida pela mulher tem percorrido o mundo e os tempos. *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte,

publicada na Inglaterra, no século XIX, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, produção brasileira do século XX e *Eu sou Malala*, da autora paquistanesa Malala Yousafzai, no atual século XXI são apontadas como exemplos de ferramentas de ensino na educação básica.

Como revisão de literatura, além de Virginia Woolf, há artigos relevantes à contextualização da temática apresentada, como “Literatura de autoria feminina – mulheres em cena, na história e na memória”, de Débora Esser (2014), que retrata o histórico da mulher na literatura, como personagem e escritora, tradicionalmente prejudicada pelo preconceito e silenciamento, que agia passivamente até o momento em que começou a reclamar por direitos e igualdade, tomando seu lugar como sujeito ativo. Arelado ao anterior, o artigo “Produção literária feminina: um caso de literatura marginal”, de Cecil Zinani (2014), ressalta a literatura de autoria feminina como um dos casos de literatura marginal, isto é, pertencente às minorias. As mulheres, ao tomarem a palavra para si, reproduzem aspectos e temas sociais sob sua própria visão. No entanto, acabam rejeitadas pelo cânone literário e precisando lutar por sua visibilidade, inclusive pelo resgate de obras esquecidas. Em relação a esse aspecto, Greicy Bellin (2011), em “A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem”, aborda os obstáculos que mulheres historicamente enfrentaram e enfrentam na esfera profissional literária, criando uma dialogicidade com a situação social que também confronta a mulher. A autora destaca as fases da crítica feminista e a representação da mulher na literatura, assim como seu reflexo na sociedade.

Por fim, Constância Lima Duarte (2019), no artigo “Feminismo: uma história a ser contada”, especifica a luta das mulheres por espaço ao traçar o percorrer histórico desde os primórdios do movimento feminista, detalhando suas ondas e marcos principais em âmbito mundial até seu estudo no território brasileiro, no qual destaca importantes nomes e publicações no país, como Nísia Floresta, cuja obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, inspirada majoritariamente nos trabalhos de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, funda o Feminismo Brasileiro, e também Bertha Lutz, uma das líderes na luta pela igualdade de direitos entre os gêneros e pelo voto feminino no Brasil, entre outras personalidades.

Esta pesquisa, portanto, além de traçar um histórico conciso da situação feminina através dos tempos, objetiva explorar a abordagem das reivindicações feministas

iniciando-a no contexto educacional, de modo a incentivar uma sociedade mais justa. A temática foi determinada haja vista a escassez de trabalhos na área que relevem a importância das abordagens feministas inseridas socialmente desde a educação escolar, sobretudo no contexto literário, observada após pesquisa em portais de periódicos acadêmicos.

## FEMINISMO, LITERATURA E EDUCAÇÃO

Virginia Woolf, em alguns de seus escritos de não ficção aqui analisados (2014, 2018a e 2018b), traça um estudo do histórico da mulher na vida social, especialmente no que diz respeito à atuação no campo literário em meio a intensos desafios e obstáculos advindos das imposições de uma sociedade historicamente patriarcal. Nesta seção, há um apanhado desses textos, no que tange aos objetivos desta pesquisa, associando-os a outros escritos posteriores, como, em destaque, as posturas de Simone de Beauvoir (2016).

Baseado em palestras ministradas em 1928, em duas faculdades para mulheres, na Inglaterra, o ensaio *Um teto todo seu* (no original, *A Room of One's Own*, publicado em 1929) adota uma linguagem poética irônica ao percorrer suas reflexões acerca das condições de vida precárias das mulheres da época em relação ao trabalho como escritora.

Entre as estantes do Museu Britânico, Woolf apresenta a narrativa a partir de uma personagem fictícia que analisa diversas obras e seus autores, construindo um estudo das características e das informações explícitas e implícitas presentes nos escritos, principalmente clássicos da humanidade até aquele momento publicados.

Ela deixa clara a disparidade de criações entre homens e mulheres. Nos primeiros períodos literários quase não há registros de mulheres escritoras, evidentemente silenciadas por muito tempo. No entanto, em boa parte das obras, a mulher é um frequente objeto de discussão, sendo que o contrário não acontece, ou seja, mulheres foram constantemente retratadas na literatura por homens, que não possuíam lugar de fala no assunto, mas sentiam-se à vontade para expressar suas opiniões a respeito delas.

De forma ilustrativa, Woolf faz uma análise das contradições contidas em romances, poesias, peças e outros escritos em relação aos seus contextos de produção. Ela questiona o quão curioso seria o fato de protagonistas fictícias de famosas obras serem retratadas como mulheres poderosas, de importância social igual ou até superior aos

homens sendo que a mulher real era vista como inferior e indigna dos mesmos direitos que eles e tratada como propriedade de formas dominadoras.

Simone de Beauvoir, vinte anos após a publicação de *Um Teto Todo Seu*, publica a icônica obra *O Segundo Sexo* (2016), em 1949. A autora traça um complexo estudo acerca de fatos, mitos e vivências envolvendo ambos os sexos no decorrer da história, e como o feminino foi constantemente retratado como “O Outro” na literatura, nas artes e na sociedade em geral. Ela cita filósofos e pensadores que adotaram uma posição misógina em relação às mulheres, em consonância com a obra de Woolf aqui retratada, demonstrando a continuidade do problema.

Segundo Woolf, em diferentes obras masculinas, de conhecidos filósofos, observa-se um sentimento camuflado de raiva direcionado às mulheres enquanto se afirma a inferioridade mental, física e moral delas. Tal ação caracteriza justamente a preocupação com seu poder através da superioridade masculina, que se reafirma a cada vez que o outro gênero é inferiorizado, representando a necessidade que os homens têm das mulheres para seu crescimento próprio. Virginia Woolf propõe, dessa forma, a alegoria do “espelho”, explicando que a mulher, através dos tempos, vem servindo como um espelho que reflete o homem com o dobro de seu tamanho natural ao ser tratada como submissa e inferior, reafirmando o poder e crescimento do homem e seu complexo masculino, o que incentiva as ações discriminatórias e excludentes por parte do grupo coletivo que constitui a sociedade patriarcal e suas imposições. Em paralelo à alegoria proposta por Woolf, Beauvoir discute a relação existente entre os sexos, e afirma sobre a mulher que

ela é tão necessária à alegria do homem e a seu triunfo, que se pode dizer que, se ela não existisse, os homens a teriam inventado. Eles inventaram-na. Mas ela existe também sem essa invenção. Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu fracasso. (BEAUVOIR, 2016a, p. 253)

Essa existência da mulher e a crescente postura reivindicativa, apesar de sua relação conflituosa com os homens e reprimida de forma histórica por eles, são abordadas por Woolf, ao traçar uma linha do tempo desde as épocas remotas, em que analisa o crescimento do papel das mulheres e das funções adotadas por elas. Atividades intelectuais desenvolvidas por mulheres passaram a ganhar algum conhecimento no século XVIII, quando sua escrita começou a ser remunerada, tanto criações quanto

traduções, com o objetivo inicial de colaborar com a renda familiar. Foi no fim desse século que as mulheres da classe média começaram a escrever, em sua maioria romances, influenciando escritoras hoje em dia conhecidas e proclamadas; do século XIX em diante, outras escritoras foram se revelando no mundo literário, de forma discreta e sem crédito. Desde 1866 até a data da palestra de Virginia Woolf, havia, na Inglaterra, ao menos duas faculdades para mulheres. No ano de 1880, a lei permitiu que a mulher tivesse posse de suas propriedades nesse país. A partir de 1918 houve um aumento de mulheres em cargos historicamente masculinos, não apenas relacionados à literatura e a serviços domésticos. E em 1919 foi a ela concedido o direito ao voto (WOOLF, 2014, p. 157). As brasileiras alcançaram tal direito em 1932 (DUARTE, 2019).

O fato da escassez de autoras mulheres se dá, portanto, a essa limitação social há tanto imposta. Segundo Beauvoir (2016a, p. 179), “a Inglaterra vitoriana restringia imperiosamente a mulher ao lar; Jane Austen escondia-se para escrever. Era preciso muita coragem e um destino excepcional para tornar-se George Eliot ou Emily Brontë”. Quando avançavam corajosamente ao mundo literário, suas produções ou não eram aceitas pela crítica por conta de seu gênero, ou, quando aceitas, publicavam-nas sob um pseudônimo masculino, para livrarem-se das críticas parciais ou, como destaca Woolf (2018a, p. 28), em seu ensaio “Mulheres romancistas”, “talvez quisessem libertar a própria consciência, enquanto escreviam, das expectativas tirânicas em relação a seu sexo.” No entanto, para alcançar o nível da escrita e publicação, Virginia defende que as mulheres precisariam ter uma renda e um espaço seu para a criação literária, questão diversas vezes citada, que dá nome ao livro e lança o questionamento sobre o quão diferente seria a história se as mulheres tivessem as mesmas oportunidades que os homens, além de dinheiro e um teto todo seu.

Como forma de comparação aos direitos e desigualdades entre os gêneros, Woolf lança uma hipótese em que supõe que Shakespeare tivesse uma irmã. Ela divaga acerca da vida que essa suposta irmã teria se possuísse também os mesmos dons e talentos que o autor, conjecturando seus possíveis infortúnios em encontrar aceitação da família para investimentos nos estudos, tempo em relação às atividades do lar e espaço para revelar social e profissionalmente seus talentos culturais como escritora. Enquanto ela estivesse lutando por seu lugar de direito e por reconhecimento, Shakespeare não encontraria obstáculos por parte da sociedade da época em estudar, cursar o ensino superior, fazer

teatro e se descobrir como um escritor em potencial. A irmã fugiria de casa na busca por oportunidades repetidamente negadas e, ao fim, desiludida e sem mais forças, cometeria suicídio e seria enterrada em uma encruzilhada qualquer, condenada por tal ação. Essas questões lançadas por Woolf esclarecem a desigualdade existente na época, que as mulheres vivenciaram.

A autora seleciona escritoras como Jane Austen e Charlotte Brontë, a fim de comparar suas obras e analisar se o impacto social existente no contexto de criação foi fator influenciador de seus escritos, ou seja, se as circunstâncias da época definiram as obras. Esse aspecto é retomado no ensaio “As mulheres e a literatura”, do livro *A arte do romance* (2018b), no qual observa-se que, em especial Brontë, em sua obra *Jane Eyre*, utiliza o romance como ferramenta de reivindicação de direitos, transferindo à sua protagonista seus sentimentos e anseios por liberdade e direitos. Tal postura é considerada pela crítica como um efeito dispersivo de sua narrativa, o que não ocorre nas obras de autores homens. Jane Austen, por outro lado, ignora as censuras e limitações da época e não permite que sua obra seja afetada por protestos subentendidos, embora suas protagonistas tenham traços fortes de personalidade e independência e Jane tenha vivido tempos iguais ou ainda mais dificultosos que Charlotte, pois esta nasceu em 1816 enquanto aquela faleceu em 1817.

Mulheres como Jane e Charlotte, filhas de clérigos respeitáveis e com um grande número de familiares, geralmente escreviam romances escondidas ou sentadas nas salas de estar comuns, passíveis de diversas interrupções e desconcentrações esperadas nesse tipo de ambiente. Woolf (2018a, p. 27) exemplifica: “Jane Austen (...), teria de esconder seus escritos embaixo de um livro quando alguém entrava na sala, e Charlotte Brontë teria de interromper o trabalho para ir descascar batatas.” Longe da vivência em sociedade, conhecimentos e experiências de mundo, apenas limitadas a salas de estar, era difícil abordar assuntos senão aqueles referentes a romances e relações pessoais que eram imaginadas a partir da vivência observada em seu dia a dia no conforto do lar. Diferentemente do que acontecia com escritores, que tinham total liberdade de ir e vir e acumulavam um conjunto de experiências que serviria como respaldo para suas produções literárias repletas de personalidade, autonomia e autoconfiança, e a valorização pela crítica seria mais evidente. Entretanto, a autora apresenta que as mulheres evoluíram em suas relações e olhares de mundo sentimentais e emocionais para uma postura mais

política e racional, opinando e participando nos diversos âmbitos sociais e promovendo sua escrita a outro patamar.

Woolf destaca, ainda, a relação existente entre as mulheres na ficção, que é retrato da vida real. A literatura, em geral, retrata mulheres em interações conflituosas de inimizade, inveja e ciúmes, sendo as suas relações com homens o gatilho de tais conflitos. Não há convívios afetuosos entre elas e a sororidade é inexistente; a mulher é retratada superficialmente em relação ao outro sexo, funcionando como um objeto que evidencia a importância apenas dele. Autores de clássicos traçam personagens femininas com o objetivo exclusivo de serem amantes dos protagonistas, o que raramente ocorre de forma inversa. (WOOLF, 2014). Beauvoir (2016a) corrobora esse aspecto demonstrando que, quando retratadas com considerável destaque nos contos de fadas, as belas princesas não são mais que símbolos de pureza, fragilidade e recompensa para o valente herói que há de salvá-las de dragões, torres e feitiços lançados, não curiosamente, por uma bruxa má: “os romances de cavalaria quase não conhecem outra façanha além da libertação de princesas cativas” (2016a, p. 250-251). Afirma ainda, sobre a predominância masculina na literatura e na sociedade,

Nos romances de aventura são os meninos que fazem a volta ao mundo, que viajam como marinheiros em navios, que se alimentam na floresta com a fruta-pão. Todos os acontecimentos importantes ocorrem por intermédio dos homens. A realidade confirma esses romances e lendas. Se a menina lê os jornais, se ouve a conversa dos adultos, constata que hoje, como outrora, os homens dirigem o mundo. (BEAUVOIR, 2016b, p. 35)

Essa mudança se daria apenas com uma participação ativa da mulher nas produções literárias, o que minimizaria a supremacia masculina e as fantasias ilusórias acerca da mulher perpetuadas por ela. Entretanto, de acordo com Woolf, “a liberdade intelectual depende de coisas materiais” (WOOLF, 2014, p. 151). Mulheres, historicamente pobres ou dependentes não possuíam liberdade intelectual e, conseqüentemente, suas chances de escrever ficção eram minimizadas ou nulas. Ainda assim, mulheres do passado superaram tais obstáculos ao darem voz a suas angústias e lutarem por seu espaço de direito no âmbito da ficção e além dele. Nesse aspecto, Bell hooks<sup>2</sup> dialoga com Woolf a respeito do posicionamento sexista da crítica em relação às produções femininas. A partir do momento que o movimento feminista tomou voz e expôs os preconceitos baseados no gênero, os trabalhos e criações de mulheres, antes excluídos

da circulação literária, foram resgatados e publicados, encorajando novas produções (HOOKS, 2019). Ao abordar em seu livro *O feminismo é para todo mundo*, publicado originalmente em 2000, o quanto a situação econômica é determinante para a condição social da mulher, hooks afirma:

Hoje, a maioria das mulheres sabe o que algumas de nós sabíamos quando o movimento começou, que o trabalho não iria necessariamente nos libertar, mas que esse fato não muda a realidade de que a autossuficiência econômica é necessária para a libertação das mulheres. (HOOKS, 2019, p. 82-83)

Além do empecilho econômico, Woolf, no livro *Profissões para Mulheres e outros artigos feministas* (2018a), traz um compilado de ensaios, e no texto que dá nome ao livro, denomina outras limitações e bloqueios que perseguem as mulheres escritoras, como o “Anjo do Lar”, fantasma de uma mulher perturbadora com suas virtudes domésticas, elogiável pureza, submissão e sem opinião própria. Tal fantasma estaria sempre à espreita para lembrar à mulher real sobre suas obrigações domésticas e o que ela deveria ou não fazer: “É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade”; E ressalta: “Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora” (WOOLF, p. 13-14).

Entretanto, se para as mulheres com ofícios literários, que se revelam um dos campos profissionais mais livres para elas, os preconceitos e desafios já são tantos, Virgínia convida a imaginar o excesso de obstáculos que enfrentam aquelas que iniciam em cargos e profissões diferentes pela primeira vez. Ela deixa a reflexão, que perdura até os dias de hoje, em relação ao campo profissional ocupado pelo sexo feminino. Segundo Débora Esser, a insistência pela sociedade na recusa da participação feminina em diversos âmbitos deve-se a que a aceitação da mulher pressupõe a afirmação da igualdade social entre os gêneros, fato que historicamente se tem negado pela parcela da sociedade guiada pelos preceitos patriarcais (ESSER, 2014).

No ensaio “Memórias de uma União das Trabalhadoras”, Woolf dedica-se a expor como ocorreram os avanços de algumas mulheres trabalhadoras, mesmo tímidos e discretos, mas com crescentes resultados. Com pouco tempo, por conta da carga horária ampla e jornada dupla, utilizavam os poucos minutos de intervalo do trabalho nas fábricas (ou durante as ações de cozinhar ou coser) para ler. O desenvolvimento crítico e argumentativo levou ao reconhecimento das injustiças e aos desejos revolucionários por

mudanças, e estes incentivaram a criação da União das Mulheres em uma luta coletiva. Inicialmente, em pequenas reuniões, debatiam entre si sobre suas condições e necessidades em comum, e, com o passar do tempo e o aumento de filiadas da causa, conseqüentemente, levaram à vida cívica coletiva suas reivindicações por divórcio, educação, diminuição de impostos, melhores condições de trabalho, salários e direito ao voto.

Um dos obstáculos que levou ao retardamento do início dos protestos feministas foi em parte as imposições existentes desde sua criação, o que Woolf (2018a, p. 54) chamou de “educação negativa” em seu ensaio “Duas Mulheres”; isto é, aquilo que “decreta não o que se pode fazer, e sim o que não se pode fazer.” As famílias, tradicionais e escravas de uma sociedade misógina e patriarcal, direcionavam limitações às meninas desde cedo, a fim de padronizar a educação da época, com o objetivo de prepará-las para o futuro casamento. Woolf também deixa uma reflexão em relação ao tratamento destinado às meninas e mulheres, em casa e também nas escolas (2014, p. 126): “A educação não deveria aflorar e fortalecer as diferenças em vez das similaridades?”.

Simone de Beauvoir também discorre sobre a educação destinada aos dois gêneros que diferenciara o tratamento recebido por eles pela sociedade, deixando claro que as raízes da desigualdade se encontram justamente nas formas de criação dos indivíduos durante sua infância. Segundo ela,

A passividade que caracterizará essencialmente a “mulher feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 2016b, p. 24)

Para ser aceita na sociedade como mulher, a menina é privada das atividades consideradas masculinas, enquanto é treinada de acordo com os padrões femininos vigentes da época, aprendendo precocemente a cozinhar, cuidar da casa, costurar e vestir-se adequadamente, de forma a preparar-se para o casamento e para a “vocação” de ser mãe, aspecto visto com frequência como uma obrigatoriedade do gênero.

Essas características se mantêm na atualidade, segundo Chimamanda Adichie, em momentos que as meninas são instruídas a seguir uma série de regras que determina seu comportamento, postura e ações, que devem agradar a terceiros, a ter vergonha de seu corpo e de modos considerados impróprios:

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina; elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE, 2015, p. 36)

O modo de criação dos meninos, por outro lado, apesar de mais liberal, impõe a definição nociva de masculinidade, na qual ele deve ser forte e viril, omitir sentimentos ou medos e mostrar sua superioridade em uma sociedade predominantemente falocêntrica (ADICHIE, 2015). Bell hooks aborda um aspecto relevante a essa discussão, no que diz respeito às formas de disciplina aplicadas por pais na educação de meninos. O comportamento sexista que os pais adotam leva à dominação de forma abusiva e violenta de educar, o que contribui, segundo a autora, ao crescimento e desenvolvimento de um indivíduo de atitudes violentas e abusivas com mulheres. “É particularmente vital que pais e mães aprendam a maternagem e a paternagem não violentas. Porque nossas crianças não se posicionarão contra a violência, se esta for a única maneira que conheceram para lidar com situações difíceis,” afirma hooks (HOOKS, 2019, p. 101).

Essas reflexões conduzem ao foco deste trabalho: a importância de um processo educativo que leve em consideração os gêneros e o respeito entre eles, através de uma pedagogia libertadora, que considere as abordagens feministas, ou seja, uma pedagogia engajada que visa a formação não violenta e cidadã do ser humano.

Em suas obras, bell hooks aborda o movimento feminista, o feminismo negro e a influência benéfica de uma prática educadora libertadora e multicultural, na criação familiar e na escola, abrangente em relação às minorias. A autora defende uma educação antissexista (não anti-homem) para garotos e garotas, pois o sexismo pode se disseminar de diferentes formas e a partir de diferentes gêneros. Uma prática educativa livre de preconceitos e padrões em relação a comportamentos, atitudes e aparências beneficia o desenvolvimento de autoestima e relações saudáveis entre crianças e adolescentes de todos os gêneros e raças. É necessária a união entre os gêneros para o fim da discriminação e da misoginia e a luta pelo progresso e por uma sociedade mais justa (HOOKS, 2019).

A autora chama a atenção para uma abordagem feminista esclarecedora na educação, que por causas semânticas condicionadas pelo sensacionalismo baseado em senso comum, é rotulada de formas pejorativas, o que enfraquece o movimento. Isso

acontece pela falta de acesso à informação e de criação de materiais elucidativos próprios para o trabalho na escola e na sociedade, nos âmbitos público e privado. Produções circulam apenas no contexto universitário e elitista, dificultando o acesso pela sociedade. Segundo hooks, (2019, p. 38) “uma vez que multidões de jovens mulheres sabem pouco sobre o feminismo e várias assumem falsamente que sexismo não é mais um problema, a educação feminista para uma consciência crítica deve ser contínua. [...] Elas precisam de orientação,” que se inicie em casa e na vida estudantil, o que implica no abandono de práticas pertencentes aos métodos tradicionais, obrigando pais e professores a adotarem metodologias que privilegiem o desenvolvimento crítico. Tratar de problemas sociais que envolvem o sexismo, o racismo, a homofobia, a exploração de classe, entre outras adversidades, sujeitam todos a um doloroso processo de reconhecimento da realidade, principalmente os alunos, que passam a enxergar a gravidade de uma situação que antes lhes passava despercebida e acontece próxima deles (HOOKS, 2017). Sobre isso, hooks declara que

Os alunos brancos que aprendem a pensar de maneira mais crítica sobre questões de raça e racismo vão para casa nas férias e, de repente, veem seus pais sob outra luz. Podem reconhecer neles um pensamento retrógrado, racista e assim por diante, e podem se magoar pelo fato de a nova maneira de conhecer ter criado um distanciamento onde antes não havia nenhum. (HOOKS, 2017, p. 61)

Em vista disso, ela orienta, embasada na pedagogia libertadora de Paulo Freire, sobre a importância do exercício de ouvir e falar, que permite possibilitar a voz de cada indivíduo presente no processo de ensino-aprendizagem e valorizar as experiências de vida de cada um, sem privilégios ou exclusões, pois uma educação crítica e reflexiva precisa se basear na realidade para um posterior trabalho em prol de melhorias pessoais e coletivas. A discussão em sala de aula permite o reconhecimento da realidade, o questionamento do *status quo* pelos alunos e a capacidade de se colocar contra ele ao adquirir uma opinião formada e contribuir para melhorias sociais. “Eu disse que via nossas palavras como uma ação, que nosso esforço coletivo de discutir questões de gênero e negritude sem censura era uma prática subversiva” (HOOKS, 2017, p. 93).

Sabendo disso, é necessária a adoção de metodologias significativas e contribuintes com essa visão libertadora e crítica do processo educativo. Em específico nas aulas de Língua Portuguesa, pode-se utilizar um introdutório literário às abordagens

sociais realizadas. Além do incentivo da leitura de literatura, essa ferramenta, se bem selecionada, é capaz de proporcionar o entendimento e uma reflexão consistente e necessária acerca da sociedade e suas mazelas, quando trabalhada de forma coletiva e crítica. A literatura, de acordo com hooks,

é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas (...) a educação pública para crianças [e adolescentes] precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos. (HOOKS, 2019, p. 46)

Outros autores ainda aprofundam essa questão. A utilização da literatura “marginal” é uma das responsáveis por propor uma visão real da sociedade, ou seja, produções dos grupos minorizados, como mulheres, afrodescendentes e indivíduos pertencentes aos grupos LGBT, tradicionalmente vítimas da invisibilidade pelo cânone no segmento intelectual e literário, mas que seguem atualmente tendo suas produções resgatadas e circuladas no meio editorial. (ZINANI, 2014). Tal fato torna a participação da mulher na literatura ativa, esta que antes era representada passivamente como personagem estereotipada e objeto de discussão de escritores, hoje situa-se como sujeito ativo, atuante em sua história e digna de renome no mundo profissional (BELLIN, 2011).

Dessa forma, o modelo dos contos de fada que tradicionalmente condiciona a menina a padrões impostos a respeito de sua feminilidade, fragilidade, comportamentos e ações dá lugar a uma literatura realista, visionária e subversiva em relação aos seus propósitos. Conforme Beauvoir,

A mulher livre o será várias vezes contra o homem. Mesmo a Bela Adormecida no bosque pode despertar com desprazer, pode não reconhecer em quem a acorda um Príncipe Encantado, pode não sorrir. (...) A mulher do herói escuta a narrativa das façanhas com indiferença, a Musa com que sonha o poeta boceja ouvindo-lhe os versos. A amazona pode recusar, entediada, a luta, como também pode sair dela vitoriosa. As romanas da decadência, muitas norte-americanas de hoje, impõem aos homens seus caprichos e leis. Onde está Cinderela? O homem desejava dar e eis que a mulher toma. Não se trata mais de jogar e sim de defender. A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. (BEAUVOIR, 2016a, p. 260)

Beauvoir detalha paralelamente o pensamento de Woolf e suas conjecturas em um período futuro que esta esperava não muito distante da publicação de sua obra:

Assim, arriscando uma profecia, as mulheres no futuro escreverão menos romances, mas melhores; e não apenas romances, mas também poesia, crítica e história. Mas nisso, sem dúvida, estamos antevendo aquela idade dourada, talvez mítica, em que as mulheres terão aquilo que lhes tem sido negado por tantas eras: tempo, dinheiro e espaço próprio. (WOOLF, 2018b, p. 115)

Quase um século da publicação de *Um teto todo seu*, as conquistas femininas aumentaram, mas a insistência em uma sociedade mais justa incentiva pesquisadores(as) e professores(as) a investir nesse assunto, entendendo que, dessa forma, é possível que tais conquistas se ampliem ainda mais e corroborem a um viver com menos violência.

## LITERATURA DE MULHERES: UMA ANÁLISE

Com base nas teorias apresentadas, as obras de autoria feminina em sequência analisadas refletem o que Woolf destacou em sua obra: os anseios por liberdade e direitos expressos nas produções literárias, direta ou indiretamente, através das protagonistas ou dos interesses das próprias autoras, como consta em duas das obras selecionadas, pertencentes ao gênero biografia. As obras, apesar de produzidas em diversos lugares e períodos, apresentam como aspecto dificultoso e opressivo na vida feminina, a intervenção social incentivada pelo sexismo e imposições patriarcais, disseminadora de mitos acerca da inferioridade feminina e responsável pela exclusão e menosprezo da mulher nos círculos sociais, seja na época vitoriana, nas comunidades brasileiras ou nas escolas do Paquistão. A relevância de uma educação libertadora manifesta-se nas obras e nos objetivos deste trabalho, como ferramenta primordial para um pensamento crítico e combate às desigualdades de gênero.

Iniciando pela obra de origem mais remota, datada do século XIX. Em 1847, *Jane Eyre*: uma autobiografia (2018) (ficcional), da escritora inglesa Charlotte Brontë, foi inicialmente publicada sob o pseudônimo de Currer Bell, fato que reflete as dificuldades em razão do gênero presentes na época, nas quais as mulheres viam-se compelidas a atuar sob a sombra de um pseudônimo masculino para que seus trabalhos fossem publicados.

Trata-se de um romance de formação narrado através de uma conversa direta com o leitor. Um dos temas que surge nas páginas do romance é o desejo por liberdade e independência da protagonista, que, em sua formação, transita por diferentes ambientes e

é constantemente vítima de familiares tirânicos e autoritários, o que a leva ao mundo em busca de autonomia e condições dignas de vida.

Essa postura da protagonista é observada no seguinte trecho: “Não sou um pássaro, e rede alguma me prende; sou um ser humano livre, e de arbítrio independente” (BRONTË, 2018, p. 298), ou quando ela devaneia de forma poética: “Desejava liberdade, ansiava pela liberdade; pela liberdade rezei uma oração, que pareceu se dispersar no vento suave” (BRONTË, 2018, p. 109).

Órfã e vivendo sob tutela de sua tia, Jane é enviada para uma escola, onde passa bom tempo de sua vida, forma-se e torna-se professora. Depois de algum tempo, aceita um emprego como preceptora na misteriosa mansão de Thornfield Hall, momento em que inicia a expressão e confissão ao leitor de todas suas emoções e sentimentos também em relação ao dono da casa, o Sr. Edward Rochester, fato que se desenvolve na maior parte da trama.

Com personalidade tempestuosa e determinada, Jane luta por direitos e realizações à medida que amadurece em sua vida moral, ética e social. A obra pertence ao período vitoriano e aborda, sob os olhos de Jane, críticas sociais referentes à situação da mulher, à religião e às diferenças de classes sociais. A personagem adota um tom de revolta e reivindicação ao se dar conta de sua própria situação feminina no mundo, e dos estereótipos impostos pela sociedade vigente:

Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam de exercício para suas faculdades e espaço para os seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo. (BRONTË, 2018, p. 137)

Jane Eyre reflete, ainda, acerca das discriminações sociais existentes na época, ligando suas raízes a falhas na educação: “Preconceitos, como se sabe, são mais difíceis de erradicar num coração cujo solo nunca foi revirado ou fertilizado pelos estudos: eles crescem ali, firmes como ervas daninhas em meio a pedras” (BRONTË, 2018, p. 398).

A revolta pela situação feminina cria contradição e conflito de emoções no íntimo da personagem, visto que o homem que ama apresenta-se como um ser arrogante,

possessivo e responsável por atitudes sexistas, resultando em um constante autojulgamento de Jane e seus desejos interiores. Apesar disso, sua postura segue inabalável em relação a situações que a inferiorizam ou oprimem, como quando Rochester a critica por seus modos, ao que ela responde:

Não acho, senhor, que tenha autoridade sobre mim somente por ser mais velho, ou por ter visto mais do mundo do que eu. Sua alegação de superioridade depende do uso que fez de seu tempo e experiência. (BRONTË, 2018, p. 165)

Esta relação perdura até o fim da obra; apesar das escolhas contraditórias da personagem e uma brusca mudança de vida: “Já lhe disse que sou independente, senhor, bem como rica. Sou senhora de mim mesma” (BRONTË, 2018, p. 504), sua característica determinada em relação ao seu sexo é ainda acentuada. Cronologicamente seguindo, a obra *Quarto de Despejo* (1993), de Carolina Maria de Jesus, foi publicada em 1960, no Brasil. Trata-se de uma biografia baseada em diversos diários da autora, catadora de lixo e moradora da favela de Canindé, em São Paulo, entre 1955 até 1960.

A obra é um marco da literatura feminina brasileira, na qual a autora registra as mazelas sociais presentes na favela ao relatar sua rotina na miséria e divagar sobre as divergências e discriminações existentes entre classes, raças e gêneros.

A variação linguística social (diastrática) nas escolhas gramaticais está presente na narrativa da autora, refletindo a precariedade de sua educação. Apesar disso, ela afirma com orgulho: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter” (JESUS, 1993, p. 13) Responsabiliza, inclusive, com gratidão, uma professora por ter estimulado seu contato e amor pelos livros e aconselhado o exercício da escrita para expressar aquilo que lhe viesse à mente.

Tema constante na obra, a luta diária em busca de alimento para si e seus três filhos nem sempre adquire êxito, sendo necessário, em diversos momentos, recorrer ao lixo e aos restos nele depositados para suprir as urgências do corpo. Carolina, nos momentos angustiantes em que é tomada pela fome, escreve: “é preciso conhecer a morte para descrevê-la” (JESUS, 1993, p. 26), expõe sua situação: “Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (p. 39) e conclui: “Já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome” (JESUS, 1993, p. 39-40).

O sentimento de revolta, tristeza e desânimo se deve também à situação como mulher negra e vítima de discriminação e escassez de oportunidades na sociedade. Ela reflete:

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1993, p. 58)

A situação da catadora possibilita uma reflexão acerca das diferenças e injustiças existentes não apenas entre gêneros, mas também entre mulheres brancas e negras, fato que reforça a importância de um movimento feminista para todos, do feminismo negro e também da união das minorias em uma luta coletiva, como orienta bell hooks.

A obra reflete, em especial, a situação inferior da mulher negra ou parda em relação às mulheres brancas e, ainda mais acentuada, se comparada aos homens brancos. Tal fato é confirmado ainda hoje por pesquisas estatísticas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No que se refere aos rendimentos dos trabalhadores, estudos apontaram que as mulheres negras ou pardas recebem menos da metade do salário que os homens brancos recebem<sup>3</sup>. Essa realidade evoca o que Virginia Woolf salientou acerca da imprescindibilidade de uma suficiência econômica para a conquista da autonomia e ascensão femininas, o que justifica a situação social por vezes degradante vivenciada por mulheres negras brasileiras e moradoras periféricas, de perfis paralelos ao da personagem de *Quarto de Despejo*.

Por fim, a produção mais recente selecionada, *Eu sou Malala* (2013), trata-se da biografia da jovem Malala Yousafzai (escrita em parceria com a jornalista Christina Lamb), paquistanesa que lutou pelo direito das meninas à educação, em um momento em que o vale do Swat, local onde morava com a família, foi tomado por terroristas do Talibã, responsáveis pelo atentado contra ela, com um tiro à queima-roupa, em outubro de 2012. Malala, depois de recuperada, torna-se símbolo da luta pela educação e a mais jovem da história a receber o Prêmio Nobel da Paz, data em que discursou acerca da importância da educação, dizendo: “Que possamos pegar nossos livros e canetas. São as nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.”

No decorrer da obra, a jovem descreve a rotina em uma sociedade tradicionalmente marcada pelo sexismo, desvalorização das mulheres e os obstáculos que essas enfrentam na vida coletiva. Logo no início do livro, a jovem evidencia a situação da inferioridade da mulher: “Nasci menina num lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar” (YOUSAFZAI, 2013, p. 21). E ainda destaca, sobre os costumes locais:

Das mulheres, espera-se que cozinhem e que sirvam seus pais e irmãos. Enquanto os homens e os meninos podem andar livremente pela cidade, minha mãe não tinha autorização para sair de casa sem que um parente do sexo masculino a acompanhasse, mesmo que esse parente fosse um garotinho de cinco anos de idade. É a tradição. (YOUSAFZAI, 2013, p. 34)

Malala questiona as limitações de sua vida e das mulheres a sua volta, ignora a censura opressora dos poderosos e ergue sua voz na luta por liberdade de ir e vir e direito à educação e formação como cidadã. Apesar de protagonistas em situações diferentes, observam-se fatores em comum, em especial a luta obstinada, seja por liberdade, direitos, educação e sobrevivência. Nas três obras analisadas, a ilusão de uma princesa frágil e dependente de um homem para sua salvação, como destacou Simone de Beauvoir, é extinta, dando lugar a heroínas da vida real, que dispensam príncipes e lutam por si mesmas e suas semelhantes através de ações revolucionárias, incentivo oportuno para o reconhecimento do papel da mulher pelas gerações mais jovens em seus anos escolares.

A proposta deste artigo é o desenvolvimento de uma leitura coletiva, crítica e reflexiva das obras selecionadas e posterior debate acerca das condições históricas de cada gênero e a observação das necessidades prementes reivindicadas pelas mulheres, de modo a proporcionar esclarecimentos e conscientização, incentivando os alunos na participação da luta por uma sociedade mais justa e pautada pela ética.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo apresenta uma proposta singela, que não garante transformação social, mas aponta caminhos para um começo. As crescentes revoluções feministas através dos tempos provam uma maior adesão, comprometimento e união das mulheres em prol da

luta por direitos, posições sociais no âmbito profissional e o combate às imposições de uma sociedade sexista e ações machistas, preconceituosas e por vezes violentas advindas de seus cidadãos. No entanto, os direitos conquistados historicamente pelas mulheres não significam que a luta cessou. Pelo contrário, a batalha deve ser constante, iniciada na teoria e desenvolvida na prática. Ou seja, é imprescindível conhecer a história para contribuir em sua mudança em busca da sociedade idealizada. O contato com esse histórico deve ser iniciado na escola, de modo a desnaturalizar os padrões impostos pela sociedade patriarcal, responsável também pela propagação de mitos que depreciam os movimentos feministas.

Essa abordagem específica sobre a mulher é eventual na sala de aula. A citação, valorização e reconhecimento da mulher na escola são limitados ao “8 de março” e esquecidos nos restantes dias do ano. Não é suficiente, portanto, para que crianças e adolescentes percebam e compreendam a importância do respeito entre os gêneros. É imprescindível formação para cidadania constante, inclusive além das quatro paredes da sala de aula. As propostas de reflexão e as três obras, com diferenças singulares de tempo, espaço e lugar social na escrita demonstram que, de diferentes maneiras, a escola deve se envolver, de forma que a temática esteja presente em todo o perímetro escolar, propagada por professores, coordenadores e demais funcionários em todos os ambientes e momentos em suas atitudes, tais como a não distinção dos alunos por gênero, raça ou classe em suas interações, a cautela constante com um possível vocabulário preconceituoso, a correção de situações que evoquem o machismo e sexismo e sobretudo o incentivo de ações que estimulem o respeito igualitário entre os gêneros. Esse posicionamento serve como exemplo prático para o aluno, seu envolvimento inicial na causa e posterior nos restantes círculos sociais em que ele se tornar presente.

Essa reeducação social na prática tem início na teorização dentro da sala de aula. E a literatura nas aulas de Língua Portuguesa é uma ferramenta fundamental para desmistificar a mulher como ser frágil, irracional e incapaz, através de escritoras que fizeram história com personagens femininas fortes, determinadas e questionadoras dos valores sociais, cada qual de sua época, na ficção ou não-ficção. Escritoras e personagens que foram negadas pelo cânone e pela crítica sendo esquecidas na história, mas que atualmente vêm sendo resgatadas, através da devida ênfase direcionada a elas com os

movimentos que reclamam igualdade, inclusive no campo profissional, sobretudo aqui, no literário e em sua abordagem escolar.

A apresentação na sala de aula de personalidades femininas responsáveis por importantes feitos na história, ciência, literatura, arte e demais campos é necessária, já que, são menos conhecidas devido aos fatores históricos. A exposição das vidas e conquistas destas, além da incitação de debates e pesquisas aprofundadas pelos alunos até projetos conscientizadores da comunidade por parte deles, levando seu conhecimento ao nível prático, demonstra a importância das mulheres apagadas da história e propõe o seu reconhecimento e consequente compreensão de que a sociedade necessita tornar-se um lugar justo e seguro por fato e direito para ambos os gêneros, e que essa transformação só se dará com a luta conjunta. A educação não violenta, além de possibilitar o respeito entre os gêneros e a conquista de crescente visibilidade e direitos femininos, livra meninos e meninas, homens e mulheres, da alienação e do papel de escravos de uma sociedade patriarcal, misógina, opressora e injusta, tornando-os, através de uma pedagogia libertadora, cidadãos críticos, reflexivos e autônomos em suas percepções e posicionamentos.

Os protestos de ordem feminista influenciam e corroboram as lutas de outros grupos minoritários, também vítimas de opressão. Assim, pode-se concluir que a sociedade justa e pautada pela ética só se tornará concreta se houver a união dos movimentos e lutas de raça, gênero e classe contra o preconceito e em busca de respeito, que vêm se expandindo com a ascensão e abrangência da era tecnológica, conectando pessoas do mundo todo na militância por uma mesma causa e influenciando outros cidadãos a unirem-se à luta.

Hoje os avanços provenientes da globalização tornam o momento ideal para estimular e inspirar jovens educandos a se tornarem cidadãos ativos que lutam imparcialmente pelos direitos de todos os seres sociais, sem distinções. Assim, urge encorajar jovens meninas a ocupar as posições que almejam, evidenciando que não há lugar estipulado para a atuação da mulher e o que o define são anseios, resistência e determinação na tarefa de provocar mudanças no *status quo* na sua realidade e na de outras mulheres. Enquanto as injustiças persistirem e a violência e a intolerância prevalecerem, a militância e o incentivo da participação de todos nas lutas minoritárias como agentes sociais não podem cessar.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda N. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

\_\_\_\_\_. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011, p. 75-85. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/12201>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre: uma autobiografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo; uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 25-47.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. *Revista Línguas & Letras*. Paraná, v. 15, n. 3, segundo semestre de 2014. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658>. Acesso em: 31 mar. 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Política (IBGE). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 21 mai. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Francisco Alves, 1993.

Organização das Nações Unidas (ONU). *Taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

WOOLF, Virginia. *A arte do romance*. Porto Alegre: L&PM, 2018b.

\_\_\_\_\_. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2018a.

\_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

YOUSAFZAI, Malala. *Eu sou Malala*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. *Antares: Letras e Humanidades*. Rio Grande do Sul, v. 6, 2014, p. 183-195. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3059>. Acesso em: 31 mar. 2020.

Recebido em: 30/11/2021

Aceito em: 03/02/2022

---

<sup>1</sup> Segundo documento publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2016, o Brasil possui a quinta maior taxa de feminicídios (homicídios de mulheres) do mundo. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em 02 mai. 2020.

<sup>2</sup>O nome da autora será grafado em letras minúsculas (bell hooks), respeitando seu desejo em destacar majoritariamente seu conteúdo, não sua pessoa.

<sup>3</sup> Estudo publicado pelo IBGE em 2019 denominado “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.” Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf) Acesso em 21 mai. 2020.